

FAKE NEWS E SUBJETIVIDADE: a psicologia social no caso Marielle Franco

¹Enio Barbosa

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo maior a discussão da influência das “fake News” como máquina formadora de subjetividade e conseqüentemente o impacto social causado pela onda de informações não-verídicas que circulam pela rede. Ainda neste trabalho, analisarei estas construções e reconstruções da subjetividade bem como suas implicações sociais sob uma perspectiva primordialmente psicológica, sobretudo da psicologia social, o que não inviabilizará a utilização de certas fundamentações teóricas oriundas de outros campos do saber. Tomarei por base o caso que fez Marielle Franco vítima de homicídio, e que ganhou grande repercussão nos diversos meios de comunicação não apenas pelo crime ocorrido, mas pela onda de boatos e notícias falsas a respeito da vítima que circularam intensamente pela internet e por outros meios de comunicação. Não irei me propor neste trabalho a tecer comentários e nem tão pouco, análises político-ideológicas além de críticas forenses acerca do caso, mas sim buscarei explorar aspectos psicossociais a partir das notícias falsas divulgadas na rede e seus impactos na formação da subjetividade. Como conclusão, chegou-se a clara constatação de que o fenômeno *sóciomidiático* das *fake news* são fortes agentes influenciadores e formadores de subjetividades, tendo em vista seu grande impacto proporcionado por pela ampla utilização da internet sobretudo das redes sociais.

Palavras-chave: Psicologia social, fake News, Subjetividade, redes sociais

Introdução

Pensar o homem é pensar sua existência, é debruçar-se sobre um vasto mundo de ideias, emoções, pensamentos e ações. Por toda a antiguidade até fins do Antigo

¹ Graduando do curso de psicologia. Universidade7 de setembro.
E-mail: eniobarbosa22@gmail.com

Regime, o sentido da existência humana era assegurado por princípios transcendentais, por assim dizer “objetiváveis”, considerados naturais e, portanto, inquestionáveis. As subjetividades estavam atreladas ao lugar que ocupavam socialmente, aos papéis desempenhados, ao que era necessariamente visível. Esses lugares sociais não eram construídos e sim herdados. (RODRIGUES, 2015). Com o passar das eras, a cosmovisão do homem foi se modificando através de novas descobertas que acabaram por proporcionar novas experiências a este, novos pensamentos e comportamentos foram emergindo e conseqüentemente uma nova organização social foi se estabelecendo. Toda esta metamorfose subjetiva e social nos engloba em uma sociedade considerada pós-moderna, com suas tecnologias de ponta, com uma alta flexibilidade das qualidades profissionais que geram novas exigências, novas formas de se relacionar com o “outro” com a preferência por utilizar interfaces tecnológicas para tanto, enfim, uma gama de transformações vem acarretando essa emergência de novos modos de pensar e ressignificação do homem em seu meio. Abordarei neste trabalho, o surgimento de um novo fenômeno tecno-social e seus impactos dentro destas novas formas de pensar, tratarei aqui da chamada “Fake News” ou falsas notícias, fenômeno este que tem gerado grande discussão dentro dos âmbitos dos meios de comunicação midiáticos, do meio jurídico, nas redes sociais e até mesmo dentro de instâncias políticas. Me dedicarei a analisar os impactos subjetivo sociais ocasionados pela propagação destas falsas notícias através do caso Marielle Franco, caso este que ganhou grande repercussão também por ter sido alvo deste novo fenômeno, buscando defender a ideia de que esta onda de notícias falsas não somente está moldando novas formas de percepção do social, mas como tem se tornado um importante agente de reconfiguração da sociedade brasileira.

A noção de subjetividade

Para uma melhor compreensão acerca daquilo que venha ser definido por subjetividade precisamos primeiramente entender os processos constitutivos que a formam bem como sua natureza dinâmica e instável. Ao refletirmos sobre a maneira como o pensamento humano se constitui assim como as relações dependentes e

interdependentes entre semelhantes se mantêm, sob um olhar mais preciso a luz da psicologia social, perceberemos uma forte influência daquilo que nos é externo, das ações e relações que envolvem tanto o “eu” como o “outro”, é o que podemos denominar de relações *intersubjetivas*, onde através deste contato com este “outro” é que iremos adquirir constructos suficientes para a formação de nossa identidade social coletiva fornecendo um sentido a existência desse sujeito, (SEIDMAN, 2015). Esta relação do “eu” com elementos externos revela a clara relevância da alteridade na composição desta identidade subjetiva, pois esta ideia de vínculo com o “outro” implicará uma noção de responsabilidade, de compromisso para com si próprio bem como com os demais indivíduos. Na constituição do processo de subjetividade constituir-se-ão como fatores elementares não instâncias intrapsíquicas ou egóicas, mas por processos descentrados que irão implicar no funcionamento de *máquinas formadoras de subjetivação*, como elementos sociais, tecnológicos, econômicos entre outros. Sendo assim, a massa, ou seja, o meio circundante em que o sujeito se encontra estaria diretamente ligada a função formadora subjetiva deste, não dentro de uma concepção passiva watsoniana de homem, mas uma relação dialética entre sujeito e mundo, entre indivíduo e suas instâncias inconscientes e a massa e suas maquinações, sendo a subjetividade resultado deste processo dinâmico de opostos. (GUATARI, 1999).

O fenômeno psicológico deve ser entendido como construção no nível individual do mundo simbólico que é social. O fenômeno deve ser visto como subjetividade, concebida como algo que se constituiu na relação com o mundo material e social, mundo este que só existe pela atividade humana. Subjetividade e objetividade se constituem uma à outra sem se confundirem (Bock, 2004, p. 6)

Geralmente, subjetividade é compreendida como aquilo que diz respeito ao sujeito, ao psiquismo e suas instâncias bem como sua formação, ou seja, algo que é interno, numa relação dialética com a objetividade, que se refere ao que é externo. É compreendida como processo e resultado, algo que é amplo e que constitui a

singularidade de cada pessoa. O fato de a subjetividade está ligado àquilo que é único e singular do sujeito não significa que sua gênese esteja no interior do indivíduo. Ou seja, o desenvolvimento da subjetividade ocorre pelo intercâmbio contínuo entre o interno e o externo, (GONÇALVES, 2009). Em se tratando da relação entre a formação de subjetividades e as interfaces tecnológicas existentes podemos extrair um conceito bastante discutido nos últimos tempos, o da *cibercultura*. Pode-se falar em uma espécie de “revolução” causada pela internet, tal a transformação radical nos processos de comunicação que ela provoca (Bessa, 2011). A popularização das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) recria as experiências na sociedade, proporcionando diferentes práticas sociais e meios de comunicação, desta forma a cultura, a sociedade e a tecnologia convergem para um sistema “*ciber*” de relações, que será caracterizado pela implementação de novas formas de aprendizado, de expressividade e inserção do sujeito no mundo, (Vasquez & Luiz, 2016).

Cibercultura

Como uma manifestação da vitalidade social contemporânea, as diversas redes de informação e conexão existentes tais como: os computadores, smartphones e outras tecnologias tem ocupado ao longo de décadas um largo espaço dentro da sociedade global, e com esse desenvolvimento do consumo tecnológico também surgem novos comportamentos que se modificarão a partir de suas influências sobre a cultura. A dinâmica social que as tecnologias têm construído ao longo do tempo vem constituindo como que um mundo paralelo entre o real e o virtual, de territorialização e desterritorialização de paradigmas e conceitos, um mundo tecnologicamente globalizado e ao mesmo tempo super conectado. Todo esse processo de desenvolvimento das matrizes tecnológicas terão uma relação complexa com os conteúdos da vida social pois serão fortes agentes de influência na produção de

subjetividade. Essa relação entre sociedade, cultura e as massas tecnológicas formam uma estrutura complexa denominada de cibercultura, ou seja, é uma interação dinâmica entre estes três polos socioculturais. Embora a expressão cibercultura assemelhe-se muito com a cibernética, não é exatamente neste sentido que o termo se refere, e sim como um movimento de contracultura Americana oriundo da década de 70 muito ligado aos impactos sociais da microinformática. A cibercultura fornece uma maior aproximação entre a sociedade e as tecnologias existentes, ocasionando uma aceleração dos processos informativos e um intenso consumo destas informações (LEMOS, 2015). A partir desta noção cibercultural de sociedade, onde vemos que as informações estão a todo instante circulando pela web e ao mesmo tempo seus impactos sobre a grande massa e sobre todo o tecido social é que também compreenderemos com mais clareza os impactos das “fake News” sobre a subjetividade.

Fake news: uma perspectiva psicológica social

Também conhecidos como *revendedores da realidade*, os falsos noticiadores costumam criar notícias, divulgar informações de conteúdo midiático, político, artístico entre outros como forma de manipulação de uma dada massa afim de convencê-las sobre determinada ideia por eles criada. Para o Professor de gestão e organizações e pesquisador das áreas de psicologia social e neurociência da universidade de Kellogg “Há uma tendência das pessoas dizerem, ‘Bom, com os canais de redes sociais que temos hoje, estas coisas podem se espalhar mais rapidamente e causar um efeito jamais visto antes”, daí a grande influência informatizada das redes sociais.

A psicologia social e a neurociência são ferramentas bastante relevantes para tentarmos compreender um pouco mais a respeito do fenômeno das “fake News”. Waytz aponta dois conceitos psicológicos que segundo ele facilitam a compreensão dos impactos deste fenômeno, são eles o “raciocínio motivado” e o “realismo ingênuo”. Este primeiro consiste na ideia de que somos motivados a acreditar no que confirma nossas opiniões. “Se estiver motivado a acreditar em coisas negativas sobre Hillary Clinton, você está mais propenso a confiar em histórias ultrajantes sobre ela que

podem não ser verdadeiras”, diz Waytz. “Com o tempo, o raciocínio motivado pode levar a um consenso social falso”. Em outras palavras, os psicólogos mostraram que o modo como processamos informação que entra em conflito com nossas crenças existentes é fundamentalmente diferente do modo como processamos informação que é consistente com estas crenças, um fenômeno que foi batizado de “raciocínio motivado”. Especificamente, quando somos expostos a informação que se engrena bem com o que já acreditamos (ou com o que queremos acreditar), somos rápidos em aceitá-la como factual e verdadeira. Categorizamos prontamente esta informação como mais um exemplar de evidência confirmatória e seguimos em frente.

Por outro lado, quando somos expostos a informação que contradiz uma crença cara, tendemos a prestar mais atenção, escrutinar a fonte de informação e processar a informação cuidadosa e profundamente. Como não é de surpreender, isto nos permite achar defeito na informação, rejeitá-la e manter nossas crenças (potencialmente errôneas). O psicólogo Tom Gilovich captura este processo de modo elegante, descrevendo nossas mentes como sendo guiadas por duas perguntas diferentes, dependendo de se a informação é consistente ou inconsistente com as nossas crenças: “Posso acreditar nisto?” ou “Devo acreditar nisto?”, (PIZARRO, 2017). O segundo termo que Waytz apresenta é o chamado “realismo ingênuo”, nossa tendência em acreditar que nossa percepção da realidade é a única visão precisa, e que as pessoas que discordam de nós são necessariamente, irracionais ou tendenciosas. O realismo ingênuo ajuda a explicar a discrepância em nosso discurso político: em vez de não concordarmos com nossos adversários, nós os difamamos. É por isso também que algumas pessoas rapidamente rotulam qualquer relato que desafia sua visão de mundo como falso, (PIZARRO, 2017).

As influências da fake news no caso Marielle

Torna-se de extrema relevância atentarmos-nos aos conceitos e ideias antes exposta para que possamos de fato proporcionar uma aproximação entre estas noções apresentadas com o caso Marielle que irei me propor a discutir. Marielle

Franco, 38 anos, vereadora do PSOL, foi morta a tiros dentro de um carro em uma noite de quarta-feira, 14 de março, no centro do Rio de Janeiro. O motorista que dirigia o veículo, Anderson Pedro Gomes, 39 anos, também foi morto a tiros. O caso ainda está sob investigação até o presente momento em que este artigo está sendo produzido. Além dos crimes ocorridos na qual vitimou duas vidas, um outro fato também chamou a atenção neste caso, as diversas informações falsas sobre a vereadora que foram amplamente divulgadas nas diversas plataformas midiáticas. A desembargadora Marília Castro Neves, do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJ-RJ), afirmou através de uma postagem em sua conta no Facebook que a vereadora Marielle Franco (PSOL), assassinada, estava “engajada com bandidos”. O comentário foi feito como resposta a uma postagem do advogado Paulo Nader, que chamou a parlamentar de “lutadora dos direitos humanos”.

Ao fazer o post, a desembargadora se baseou inadvertidamente em *fake news* (notícias falsas) que corriam pela web. Na coluna da jornalista Mônica Bergamo, na *Folha de S. Paulo*, que revelou o comentário, Marília afirmou que não conhecia Marielle até saber de sua morte e que postou informações “que leu no texto de uma amiga”. Logo após a declaração da desembargadora, uma enxurrada de mensagens e posts de caráter odioso a Marielle puderam ser vistos circulando pelas redes sociais. Mensagens principalmente de cunho político ideológico foram destaques entre as muitas informações de caráter falsário, (*Jornal EL PAÍS*, 2018).

Mensagens estas que continham afirmações sobre a vida de Marielle cuja fundamentação nunca fora atestada por nenhum órgão de imprensa ou até mesmo instituições de segurança pública até o momento. Algumas destas declarações foram: “*Marielle era ex-mulher do traficante Marcinho VP*”, “*Marielle foi eleita pelo Comando Vermelho*”, “*Marielle defendia bandidos*”, “*Marielle engravidou aos 16 anos*” entre outras falsas afirmações que ressaltando nunca obtiveram comprovação alguma, (*jornal EL PAÍS*, 2018). Fator preponderante que desencadeou esta série de acusações a respeito de Marielle, foi sem dúvida alguma o teor ideológico político contrário ao da vítima que utilizando-se primeiramente das declarações da desembargadora, apoiando-se nestas com o intuito de manifestarem-se politicamente contra a ideologia contrária. Conclui-se então que ao analisarmos os conceitos psicológicos propostos anteriormente, a saber, o raciocínio motivado e realismo

ingênuo como lentes de análise para a discussão deste caso verificou-se uma clara compatibilidade com a problemática envolvendo o fenômeno das “fake news”.

Traçando um comparativo primeiramente entre a ideia de raciocínio motivado com a divulgação de notícias ilegítimas entendo que a motivação para tal ação possui um teor ideológico partidário que divergia com a de Marielle, sendo assim creio que isso se justifique quando passamos a atentar para extrema falta de estima primeiramente pela vida humana do outro seguido de uma inestimável intolerância a opiniões divergentes. Destaco a ideia de que as crenças ideológicas de cunho partidário contrárias as de Marielle tenham motivado sobremaneira as práticas ofensivas e discriminatórias em questão, onde solidificados por seus próprios preconceitos e opiniões de caráter hostis foram conduzidos pelas informações divulgadas sem exercer qualquer reflexão ou predisposição a análise da veracidade dos fatos, o que explica-se claramente através da concepção de *Raciocínio motivado*, pois a partir de uma ideia pré concebida sobre o fato reproduziu-se a mesma de acordo com o que foi lido, (PIZARRO, 2017).

Seguindo neste mesmo viés, entendo que o comportamento discriminatório e indecoroso por parte daqueles que foram os responsáveis pela propagação das falsas afirmações tem sua motivação sob uma outra perspectiva além da já apresentada, ato este que tem como base ideia de uma super fixação das próprias ideias junto a crença de tais pontos de vista são únicas e exclusivamente de caráter verdadeiro, evidenciando uma noção de absoluta verdade que se constitui por inabalável. Quero ressaltar que não possuo nenhuma objeção quanto a termos nossas crenças como verdadeiras e confiarmos nela como sendo *certas*, porém quando tais crenças pessoais nos motivam ou impulsionam a rejeição e o desrespeito a outro indivíduo por conta de possuir ideias divergentes, tal ação torna-se de caráter danoso, extremamente prejudicial ao convívio social e feridor dos direitos de todo ser humano, (ROJAS, 2015). Deste modo, a partir do exposto, acredito que o conceito de *realismo ingênuo* torna-se evidente diante do que foi discutido anteriormente quando nos propusemos a traçar um esquema em que nos permitisse realizar esta aproximação entre o fenômeno das *fake news* e suas motivações com os conceitos presentes na psicologia, (PIZARRO, 2017).

Conclusão

Os resultados destes estudos confirmam a ideia central proposta neste artigo a de buscar uma solução para a problemática envolvendo os impactos a subjetividade causado pelo fenômeno conhecido como fake news. Como base teórica primária o tema foi trabalhado sob uma perspectiva psicológica social onde foram discutidos alguns conceitos primordiais para a composição das ideias que constituiriam este artigo, tais como: subjetividade, cibercultura, realismo ingênuo, raciocínio motivado entre outros.... Ao ater-se a estes conceitos e tencioná-los com o caso proposto a análise pode-se verificar uma clara correlação entre as influências sobre a subjetividade causados pelas fake news e seus efeitos sobre a sociedade. Termos trabalhados no artigo como: *realismo ingênuo e raciocínio motivado* mostraram-se cruciais para a compreensão tanto das influências como dos efeitos proporcionados pela propagação das falsas notícias, tornando assim notório o fato de que as crenças, as ideias, os pensamentos e atitudes de um indivíduo são impactados por uma dada informação e que, como tais indivíduos reagem a esta colisão coma notícia. Assim este comportamento reativo irá ser expresso através da manifestação da opinião, que no caso será expressada de acordo com uma concepção indecorosa e hostil, não havendo espaço para o respeito e flexibilização própria em relação ao outro, existindo assim uma espécie de narcisismo ideológico. Há que se notar o vasto campo teórico e prático a se explorar com mais profundidade. A temática deste artigo é de extrema novidade tendo em vista o viés tecnológico que a envolve. Apesar do vasto campo de possibilidades a se explorar acerca do tema concluo que o resultado obtido em relação a problematização central foi satisfatoriamente trabalhado.

Referências

Bock, A. M. B. (2004). A Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. In: Bock, A. M. B; Gonçalves, M. G. G.; Furtado, O. (Orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. São Paulo: Cortez.

GONÇALVES, Flávia. *Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural*. São Paulo, 2009.

GONZÁLEZ-REY, Fernando. *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Thomson, 2003.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999

IRENE, Marisa ZORZIM, Terezinha. *Internet, cultura do consumo e subjetividade de jovens, São João del Rei, janeiro-abril de 2017*.

LEMOS, A. (2008) *As estruturas antropológicas do ciberespaço, in LEMOS, A. Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina.

LUIZ, M.& VAZQUEZ, E. (2016), *Tecnologia, sociedade e educação na era digital*. Rio de Janeiro.

PAÍS, El. *Caso Marielle Franco: o dia seguinte ao assassinato que comoveu o Brasil, contado minuto a minuto*. 16 Mar, 2018. Disponível em <https://brasil.elpais.com/> Acesso em: 9 Mai,2018.

PAÍS, El. *MBL e deputado propagam mentiras contra Marielle Franco em campanha difamatória*. MENDONÇA, Heloísa, MARREIRO, Flavia. 18 Mar, 2018. Disponível em <https://brasil.elpais.com/> Acesso em: 9 Mai,2018.

PIZARRO, D. (2017), *Motivated reasoning*, Disponível em <<https://www.edge.org/response-detail/27218>> Acessado em 8Mai, 2018.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal & JABLONSKI, Bernardo. (2000) *Psicologia social*. Petrópolis, Vozes.

ROJAS, J.M. (2015), *The Influence of Political Ideology and Intolerance for Ambiguity on Diverse Attitudinal Expressions of Heterosexism*. Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima.

WAYTZ. A. (2017), *A psicologia por trás das notícias falsas: Vieses cognitivos ajudam a explicar o clima da nossa mídia polarizada*. Disponível em: <https://insight.kellogg.northwestern.edu/pt/article/the-psychology-behind-fake-news>. Acessado em: 7 Mai, 2018.